

PRIMÓRDIOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOLAS MÉDICAS (ABEM)

Nosso reencontro com a Associação Brasileira de Escolas Médicas, durante a comemoração do 35º aniversário de fundação, foi proporcionado por um gentil convite da comissão de organização do evento, em Uberaba, cujos membros desejavam ouvir algo de um dos fundadores da entidade. E o reencontro terminou com carinhosa homenagem que nos comoveu e que, mais uma vez, agradecemos emocionados.

Com os saudosos professores Zeferino Vaz (sócio nº 1) e Oscar Versiani Caldeira (sócio nº 2), e ao lado do professor Caio Benjamin Dias (sócio nº 4), constituímos o quarteto básico dos fundadores da Abem. E é com natural orgulho, diante do extraordinário desenvolvimento da entidade com a qual sonhávamos, que nos identificamos como o mais antigo fundador (nº 3) vivo.

Depois de longa ausência, apenas física, do ambiente dos cultores da educação médica brasileira, pudemos testemunhar a seriedade e o entusiasmo com os quais os administradores e demais sócios da Abem se empenham na luta iniciada há mais de três décadas.

As exposições que fizemos no jantar de confraternização do dia 8 de outubro de 1997 e no encerramento do XXXV Congresso Brasileiro de Educação Médica, no dia seguinte, foram repletas de reminiscências, de lembranças dos anseios dos fundadores, dos objetivos específicos colimados e dos meios que planejávamos utilizar para alcançá-los.

No início da década de 1960, o desenvolvimento do Brasil fazia antever o aumento do número de escolas médicas e os problemas que esse fenômeno acarretaria, como o número de alunos e a avaliação do ensino médico, exigindo uma visão dos educadores então em atividade para possíveis soluções.

Lembramo-nos de que, na fundação da Abem, tínhamos como modelo a American Association of Medical Colleges (AAMC) e o que ocorria nos demais países desenvolvidos vanguardeiros. Naturalmente, não queríamos apenas adotar soluções externas, mas adequá-las à nossa realidade. Concluímos que o melhor plano a ser posto em prática seria o da ação conjunta com outras entidades de classe. Inicialmente, tencionávamos criar uma comissão mista da Abem e da AMB, integrada por membros experientes e de renome no campo da educação médica do Brasil. Essa comissão teria a incumbência de preparar um documento contendo as diretrizes e os critérios para nortear a evolução e o progresso da educação das ciências da saúde.

Para isso, os subsídios dos congressos internacionais de Educação Médica de Viña del Mar, no Chile, e de Poços de Caldas foram extremamente úteis. A esses congressos compareceram os diretores e seus assessores de faculdades de medicina das América do Norte, Central e do Sul. A experiência dos educadores nacionais e estrangeiros e o salutar intercâmbio de idéias muito contribuirão para o sucesso dos eventos e para nortear o progresso da Abem.

Acreditávamos, então, que, para o desenvolvimento da educação médica de um país continental como o Brasil, a solução era orientar, supervisionar e avaliar tanto as escolas médicas existentes, para garantir seu contínuo sucesso, quanto as novas escolas, estas mesmo antes de sua criação. Para tanto, a Abem e a AMB estavam prontas a colaborar até na preparação do projeto de cada uma, inclusive nas diretrizes a serem fixadas em relação ao corpo docente, às qualificações do corpo docente, à estrutura administrativa e aos recursos físicos, bem como quanto à adequação dos recursos humanos aos recursos físicos, para assegurar um alto nível de qualidade à educação médica.

No caso em que essa colaboração fosse dispensada, o projeto seria avaliado como os demais pela comissão Abem-AMB. O relatório desta comissão seria enviado aos responsáveis com a aprovação, sujeita ou não a modificações, ou com a rejeição (por exemplo, devido à falta de corpo docente qualificado, ao número excessivo de alunos, a equipamento insuficiente e a hospital deficiente).

Se, apesar dessa rejeição, a entidade proponente criasse a escola, seus responsáveis sabiam que ela não seria admitida como membro da Abem enquanto não conseguisse reverter o resultado do relatório negativo.

Cabe à Abem e à AMB retomar a iniciativa e as rédeas da educação médica brasileira, organizando comissões permanentes para:

- 1) a criação de novas escolas médicas;
- 2) a avaliação total, inicial e periódica (qüinqüenal) de todas as escolas médicas (em termos de recursos humanos e físicos, missão geral e específica, administração, corpo docente, planos a curto e a longo prazos, progressos obtidos, produção científica e tecnológica – enfim, uma avaliação do nível de desempenho da escola em sua missão social, geral e comunitária);
- 3) a realização de exames nacionais.

Cumpramos lembrar que, se não tomarmos a iniciativa de aperfeiçoar a educação médica brasileira, objetivo primordial da Abem desde sua fundação, outros o farão. Correremos o risco de não conseguir o sucesso que a nossa vivência profissional preconiza e que a comunidade das ciências da saúde almeja e merece.

Prof. Dr. Liberato J. A. Di Dio

Professor Emérito e Diretor Emérito do Medical College of Ohio
Professor de Anatomia Cirúrgica e de Metodologia Científica da
Faculdade de Medicina da Universidade de Santo Amaro
Pesquisador do Instituto do Coração, Hospital das Clínicas,
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo